

Igreja revela preocupação

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, denunciou ontem, no I Fórum Nacional sobre Migração, que 40 por cento da população brasileira não mora mais nos seus locais de origem. Segundo ele, essa situação preocupa a Igreja, já que são mais de 60 milhões de pessoas que não mais residem nos locais onde nasceram.

“O que temos com a migração é uma situação não só de miséria, mas de desordem psíquica e moral”, afirmou dom Luciano. Ao abordar a questão dos Compromissos Éticos no Processo Migratório, dom Luciano destacou ser necessário criar condições para que as pessoas vivam em suas cidades de origem. Na

sua avaliação, o processo migratório tem como foco ético a família.

“Se perguntarmos ao homem do campo o que veio fazer na cidade, ele responderá que veio em busca de trabalho e melhores condições de vida para sua família, o que envolve atendimento médico, melhor ensino, entre outros aspectos”, afirmou.

Segundo dados apresentados por dom Luciano, os primeiros a partir são os jovens e os chefes de família, que deixam para trás suas mulheres que se tornam “viúvas de maridos vivos”. Ao chegar à cidade, o homem vive a tristeza de não poder mandar para a família parte do salário que recebe e começa a enfrentar situações degradantes, como carência de moradia digna e alimentação. Dom Luciano citou como exemplo os “sem-terra”, que hoje constata a impossibilidade de voltar atrás em sua decisão e aguardam uma definição



Dom Luciano lembra sem-terra

do Governo federal para o seu problema.

“A vida em condições precárias provoca a morte de muitos pelo cansaço e desnutrição, um processo que atinge de maneira mais acentuada as crianças, des-

preparadas para enfrentar os deslocamentos”, ressaltou dom Luciano, acrescentando que, além disso, a mobilidade frequente provoca também o aumento da violência não só nas cidades como no campo, onde foi registrado, nos últimos cinco anos, uma média de um assassinato por dia, permanecendo impune a maior parte deles.

Na sua opinião, é indispensável que os locais de origem dos migrantes conttenham programas de assentamento de famílias de baixa renda, além do oferecimento de incentivo para se plantar e colher, com o desenvolvimento de uma política agrícola. “Não existem ainda medidas suficientes para que as pessoas se sintam amparadas em sua cidade de origem”, disse. O presidente da CNBB considera importante, ainda, a criação de Centros de Atendimento a Migrantes, onde pessoas capacitadas possam orientar os que chegam sobre o que fazer.